

José Cardoso Pires:

«Fui talvez o único prosador que conquistou o neo-realismo»

António de Almeida Mattos



«...Em vez de falar ia ouvir-se a ela mesma. Mas aos espaços. Ia apanhar-se de surpresa, pedaço aqui, pedaço mais adiante, em rotações ao acaso [...]

«...No meu país não acontece nada...», ali era um dos seus versos preferidos [...] Depois há aqueles versos do morre-se a ocidente... que são belíssimos esses versos, *Morre-se a ocidente com o sol à tarde*, depois vai por aí fora, por aí fora, e acaba com o meu país é o que o mar não quer / é o pescador cuspido à praia à luz do dia' -- salto brusco na bobine».

Alexandra Alpha

Letras & Letras — Em questionário a que respondeu recentemente disse que, quando lhe não apetecia ler, lia romances policiais e receitas de culinária. *Policiais menores*, cito. O que distingue, para si, literatura maior da menor?

José Cardoso Pires — Literatura menor é aquela em que se tem a sensação de ter sido fabricada, primeiro que tudo; que tem um alcance muitíssimo reduzido, muitíssimo imediato, até. Aquela que não causa a mais pequena surpresa do ponto de vista de construção, e de linguagem também.

L&L — Como reagiria à hipótese de ser considerado um autor de policiais?

JCP — Reagiria muitíssimo bem. Ao contrário do que muita gente diz eu sou um mau leitor de livros policiais. Um dos maiores escritores da Europa, para mim, é o Sciascia, o italiano, e escreve livros policiais, praticamente.

Aqueles livros políticos dele sobre a Mafia são requintadamente policiais, são notavelmente policiais! Faulkner tem coisas policiais. Toda a literatura, a melhor literatura, está cheia de policiais. A Bíblia está cheia de coisas policiais, a começar pelo mistério da Santíssima Trindade...

L&L — ...um policial insolúvel?...

JCP — ...não sei, nem sei quem o escreveu.

L&L — Como vê, agora, o seu relacionamento com o neo-realismo?

JCP — Acho que o neo-realismo foi uma corrente que ficou muitíssimo, que ficou muito fixada durante um curto espaço de tempo, mas que foi fundamental para o abrir à literatura de uma contradição em relação ao presentismo, ao interiorismo, nomeadamente à literatura psicológica, e que contribuiu para toda a literatura que hoje está...

L&L — ...representava uma necessidade social?

JCP — Sim, embora tenha sido posta, e nalguns casos foi, de maneira excessivamente pragmática e aberta. Mas isso compreende-se porque se estava num regime especial. Como se podia compreender o contrário nos colaboradores do regime que faziam literatura. Eram perfeitamente apolíticos. Totalmente apolíticos! Ali não havia fenómeno político. Um homem não vive sem política, como não vive só de política. O que acontece é que isso foi muito enfatizado. Hoje, levantar o assunto é como perguntar o que se passa com o presentismo ou o futurismo. Reagi ao neo-realismo logo no meu primeiro livro. Fiz parte de um grupo que foi todo para o surrealismo. Eu não fui, mas esse facto não quer dizer que estivesse no neo-realismo. Fui talvez o único prosador que conquistou o neo-realismo. Mas não vejo que isso constitua fenómeno significativo.

«Não digo as barbaridades, os provincianismos do Eça»

L&L — Como vê a actual literatura portuguesa de ficção?

JCP — Vejo-a muito bem e com bons olhos. Já não falo da poesia. A qualidade da poesia portuguesa é realmente notável, sempre foi. Costumo dizer, por ironia, que não vale a pena falar de poesia, porque toda a gente sabe que temos poetas bons. Não houve interrupção.

No romance, na ficção de prosa, é que me parece mais significativo e mais impressionante, porque nós não tivemos, não temos uma tradição de romance. Eu sou suspeito, porque gosto de Camilo e não sou um fanático do Eça.

L&L — Mas a sua linguagem, por vezes, assemelha-se à do Eça...

JCP — ...não me dê um susto!...

L&L — ...na originalidade com que Eça caracterizou a linguagem da sociedade burguesa lisboeta. Cardoso Pires caracteriza o lisboeta, mas já não da burguesia...

JCP — Mas o Cardoso Pires não diz as barbaridades, os provincianismos que o Eça dizia: em inglês, deram-se o *shake-hands* e outras coisas assim, que são vergonhosas. Eu não fiz isso nunca, pode escrever! Não tenho muita consideração, não sou tão parido de Flaubert, nem ando por essas águas. Tenho por Eça o maior respeito por ter contado histórias muito portuguesas, muito de Lisboa. Verdade! Agora, como as contou não me dão graça

■ «Reagi ao neo-realismo logo no meu primeiro livro.»

■ «...não temos uma tradição de romance.»

■ «Aquilo que mais me excita, mais me provoca, é, em primeiro lugar, a pintura, e depois a poesia.»

■ «Uma pessoa é excitada por rasgos.»

«Nunca fiz um verso na minha vida»

L&L — Em Alexandra Alpha há uma carga poética não habitual nos seus livros. Uma das personagens é um poeta, e um poeta real. Alguma vez a poesia o tentou, para além da ficção e do ensaio?

JCP — Tenho a impressão que sou o único... provavelmente, não quero garantir... mas nunca fiz um verso na minha vida. Tenho a impressão que desde o princípio achei que era difícil de mais para fazê-lo. Sou um bom leitor de poetas. Aquilo que mais me excita, mais me provoca, é, em primeiro lugar, a pintura, e depois a poesia. De um modo geral a ficção

Registo biobibliográfico

JOSÉ CARDOSO PIRES nasceu em 1925. Frequentou a Faculdade de Ciências, em Lisboa, tendo exercido variadas profissões.

Ligado a actividades editoriais fundou, em colaboração, a colecção de bolso *Os Livros das Três Abelhas* (1952). Dirigiu as Edições Fólio (1953) onde foi responsável pela colecção *Teatro de Vanguarda*. Depois de uma breve passagem pela revista *Época*, de Milão, com um grupo de intelectuais reestruturou a *Gazeta Musical e de Todas as Artes*. A partir de 1967 orienta o magazine de letras, artes e espectáculos do *Jornal do Fundão* e intitulado & etc. — de que foi também fundador — e dirige o suplemento literário do *Diário de Lisboa* — que viria a ser substituído por *A Mosa*.

Traduzido em várias línguas e antologado em vários países, os principais livros, de José Cardoso Pires são: *Os Caminhinhos e Outros Contos*, 1949 (?); *Histórias de Amor*, 1952 (livro apreendido pela Censura); *O Anjo Ancorado*, 1958; *O Render dos Heróis*, teatro, 1960; *Cartilha do Mariálvá*, ensaio, 1960; *Jogos de Azar*, 1963; *O Hospede de Job*, 1963 (Prémio Camilo Castelo Branco e Prémio dos Suplementos Literários); *O Delfim*, 1968; *Dinossauro Excelentíssimo*, 1972; *E Agora, José?*; *O Burro em Pé*, 1979; *Corpo-Delito na Sala de Espelhos*, teatro, 1980; *Balada da Praia dos Cães*, 1982 (Grande Prémio do Romance e da Novela); Alexandra Alpha, 1987.

nenhuma, não interessam absolutamente nada, e o português dele é um português cosmopolita, mais provinciano, mas muito mais provinciano, que o de Camilo. Os provincianos não estão na provincia. Estão quase sempre na cidade — o que é outra coisa. Além disso, o romance português, a prosa de ficção, só agora, digamos nos anos 40 e poucos, é que começou a rugir contra a profunda, a brutal sintaxe rural que pesa na literatura portuguesa. E essa sintaxe rural fez com que o romance citadino, que era quase todo escrito por filhos de lavradores da pequena burguesia — veja o neo-realismo com geniais escritores, como o Carlos de Oliveira, que considero um dos maiores prosadores da nossa literatura de todos os tempos —, os escritores dessa época, mesmo quando escreviam sobre a cidade, estavam a escrever com a linguagem do campo. Só a partir dos anos 40 — a data não é precisa — é que se começa a fazer uma renovação, e só agora, há uns 15-20 anos, é que começou a haver uma literatura que, quando fala da cidade, tem a voz própria da cidade. Foi quando passou o peso da chamada universidade rural. Considero que isso é bastante importante.

J&L — É um bom leitor de poesia?

JCP — Sou. Gosto muito de poesia.

dificilmente me dá vontade de escrever. A ficção de prosa. Mas na pintura é muito óbvio o rasgo. Uma pessoa é excitada por rasgos. O rasgo, a brusquidão, o salto, o acaso, que é importantíssimo em tudo, na vida também. Temos que acreditar nesses milagres. Isso na pintura toca-me muito. Sinto-me bem, sinto-me provocado para seguir aquele caminho que vejo na pintura. Um pouco também na poesia. Mas no romance dificilmente.

L&L — Em Alexandra Alpha há uma personagem extraordinária, o João das Berlengas. O que precedeu a criação dessa personagem?

JCP — Eu conheci um sueco, há muitos anos, um ex-embaixador que ficou por cá, tinha uma casa no Estoril. Um dia fui lá e soube que tinha um cão. E soube, depois, que, quando estava bêbado, embebedava o cão. Isso impressionou-me, e foi daí que apareceu a ideia do João das Berlengas: identifica-se tanto com o cão que se embebeda com ele.

L&L — Há um certo desencanto em Alexandra Alpha, para o fim do livro. Um círculo que se fecha no ar, melhor, o elo de uma espiral que não tem continuidade...

JCP — Osear Lopes disse, na apresentação do livro, no Porto, que eu tinha uma esperança

desesperada. Eu não tenho, não sinto desencanto. Talvez tenha uma coisa pior: um certo cepticismo, uma certa dúvida permanente que, muitas vezes, é uma atitude de defesa perante o desgosto que se avizinha. Talvez, das pessoas que conheço, seja das que teve menos desencantos com muita coisa que aconteceu depois daquela euforia toda do 25 de Abril. Estou profundamente convicto que este país é democrático, livre, que vai ser mais livre ainda (veja lá!). Não pensei, na manhã do 25 de Abril, que íamos ter um mar de rosas. E uma atitude que não considero muito bonita porque é uma atitude de auto-defesa. O indivíduo que põe sempre reticências quando chega à desgraça já não morre.

L&L — É um optimista esclarecido?

JCP — Isso gostava de ser.

«Não faço distinção entre jornalista e escritor»

L&L — Ao longo da sua vida, conheceu uma larga experiência jornalística. Abandonou definitivamente o jornalismo?

JCP — Não sei! O jornalismo não é a velha história do bicho que fica. Não é por aí. O jornalismo é, cada vez mais, uma forma activa de escrever. Aquela em que se vive mais o dia-a-dia, porque a pessoa é obrigada a explicar-se dia a dia. O jornalista, no sentido que está a empregar (a tradução inglesa é *writer*), é, primeiro que tudo, escritor. Se não for escritor, não me interessa coisa nenhuma. E está a ser julgado permanentemente. Tem uma atitude: o vício que cria é dar conta do que vê. E o escritor, no sentido do romancista, dá-se ao que quer e quando quiser e quando puder. Enquanto que o jornalista, quer possa ou não, tem que dar.

Mesmo depois de deixar de ser jornalista fez uma reportagem grande sobre o Camboja que foi publicada lá fora, e aqui uma parte pequenina, no *Diário de Lisboa*, porque não tinham dinheiro para pagar mais à agência que vendeu a reportagem, não a mim. Hoje gostaria de fazer jornalismo assim, *free-lancer*. O jornalista tem uma vida que não agrada nada, é demasiado escravo, está dependente de demasiadas coisas. Como *free-lancer*, sim, logo que me surja uma oportunidade.

Não faço distinção entre jornalista e escritor. Aqui, em Portugal, é que acontecem coisas únicas, nomeadamente no Porto: há uma Associação de Escritores Jornalistas e Homens de Letras. Se um jornalista não é homem de letras, não vale a pena existir. Se fosse uma associação de escritores, advogados e pintores, ou coisa assim... Escritores, tropas... Admito perfeitamente que haja tropas que não saibam ler, até é bastante frequente, alfaiates que nunca leram um livro, admito que haja políticos que tenham medo de livros. Admito uma sociedade de escritores, políticos...sei lá! Mas Jornalistas, Escritores e Homens de Letras...

L&L — E da sua experiência no King's College?

JCP — A minha experiência como professor de literatura foi muitíssimo gratificante. Talvez voltasse, se tivesse oportunidade. Eu nunca aprendi tanto literatura como quando ensinei. E foi-me também importante ensinar literatura — e reparar que era a ingleses — e em inglês, o que poderia parecer um emperramento. E não era! Nunca li com tanto prazer, com tanta imaginação e tanta criatividade. O professor aprende muito mais do que ensina.

L&L — Com a sua facilidade no inglês nunca pensou em traduzir as suas obras?

JCP — Não era capaz. Quem traduz tem que ter a língua. Eu não tenho inglês que chegue, é preciso ter a língua no sangue. São as respirações, é tudo...

Subtítulos da responsabilidade do C.C.